**Os desafios cotidianos para a construção da identidade do sujeito
por meio do trabalho – uma resenha do filme
“Nise: o coração da loucura”**

**The daily challenges for the construction of subject's identity by
working – a review about the movie
“Nise: the heart of madness”**

Felipe Maia Braga Hashimoto¹

Bianca Caroline Felipe²

Tauanna Ferreira Moreira³

Mestre em Psicologia Organizacional e do Trabalho pela USP, Professor do Centro Universitário São Camilo. E-mail: felipe_hashimoto@yahoo.com.br

² Bianca Caroline Felipe Aluna de Graduação do curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo. E-mail: bianca.felippe12@gmail.com

³ Aluna de Graduação do curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo Email: tauanna.ferreira@hotmail.com

Resenha recebida em: 01 de outubro de 2016. Artigo aceito em 02 de março de 2017.

Este trabalho teve por finalidade promover reflexões e estabelecer analogias a partir dos conceitos da Psicologia Organizacional e do Trabalho, com aspectos retratados no filme “Nise: O coração da loucura”, com foco nas diversas faces do trabalho e os desafios na construção de identidade do sujeito do trabalho.

O filme “Nise: O coração da loucura”, lançado em 2015, e dirigido por Roberto Berliner, retrata um trecho da história da loucura no Brasil, a partir da experiência da médica psiquiátrica Nise da Silveira, interpretada pela atriz Glória Pires. O filme é ambientado na década de 40, e os acontecimentos no Hospício Pedro II, conhecido como Engenho de Dentro, localizado no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro.

Como parte do enredo, apresenta-se a vida da psiquiatra que adotou um tratamento não convencional em pacientes diagnosticados como esquizofrênicos crônicos, considerados sem boas perspectivas de melhora pelos demais médicos. A personagem também passa por situações que contam como eram tratados os pacientes psiquiátricos naquela época, sendo submetidos a práticas de lobotomia e eletroconvulsoterapia, além do descaso e maus-tratos sofridos pelos pacientes dos profissionais de saúde. Destaca-se, no entanto, para esta resenha, o exercício profissional e as relações de trabalho expostas no decorrer da atuação da Dra. Nise da Silveira.

A vivência da protagonista reflete toda uma série de dificuldades às quais são expostos os trabalhadores, sob forma de resistências, ameaças, boicotes e atentados contra a dignidade e a saúde no trabalho que, de acordo com Marx: “é uma espécie de ponte de apoio para descrever quem somos: indivíduos que trabalham e cujo sentido da existência é em grande parte extraído deste” (BENDASSOLLI, 2007, p. 113). É notória a relação e a forma como a médica se identifica com a profissão escolhida e sua construção de sentido a partir da experiência com o trabalho, assim é possível dizer que por meio deste ela demonstra ter encontrado um propósito de vida.

Diante da postura de Nise da Silveira retratada no filme, destacamos sua identificação com a causa que a direciona para seu trabalho, o “cuidar”. Detectamos moral e identificação em sua atuação humanizada no tratamento e manejo clínico, nos momentos que ela se opunha ao que julgava ser erroneamente imposto pela instituição. Corroborando com o que nos diz Hegel:

O trabalho deve ser uma atividade norteadas pelos objetivos que o próprio sujeito estabeleceu para si. E quando diz que ele é uma

‘atividade refletida em si’, quer ainda dizer que o trabalho deve permitir ao sujeito referir-se a si mesmo como o autor dessa atividade e de seu resultado (HEGEL, *apud* BENDASSOLLI, 2007, p. 116).

Apesar da congruência entre a definição de trabalho apresentada por Hegel e da prática clínica da Dra. Nise da Silveira, o mesmo não pode ser observado nos demais profissionais, que desempenham suas atividades inquestionavelmente ou nos parecem incapazes de lutar contra as imposições externas. A partir do cenário retratado, é possível supor que, ao invés de construir suas identidades, vivem uma situação de alienação, como apresentado por Castanho:

No sentido de Marx uma ação através da qual (ou um estado no qual) uma pessoa, um grupo, uma instituição, ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estrangeiros ou estranhos (1) aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou (2) à natureza em que vive e/ou (3) a outros seres humanos, e- em adição e através de qualquer ou de todas de (1) à (3) – também (4) a si mesmo (a suas próprias possibilidades humanas criadas historicamente (CASTANHO, 2007).

Há também uma conduta de negação, indicando a ausência da consciência ou de empoderamento de suas funções. É como um mecanismo que funciona de forma automatizada ou imperceptível, assim acredita-se não haver possibilidades fora desse funcionamento. Portanto, o indivíduo se submete ao que lhe é imposto sem fazer elaborações ou reflexões.

Corroborando à alienação, vê-se que os demais psiquiatras adotavam tratamentos embasados em uma ciência absolutista, pautados em uma ideologia “moral” e “ética”, mas que produziam como resultado um tratamento que silenciava o paciente e não lhe possibilitava a vida para além da doença. O que, além da alienação, nos direciona para o trabalho visto somente como fonte de dinheiro, *status* e poder, e com o que nos diz Bendassolli: “Por meio de seu conceito de alienação Marx enuncia que há uma proporcional desvalorização do mundo humano na medida em que o mundo das coisas se valoriza” (BENDASSOLLI, 2007). Ou ainda:

A desumanização da experiência do homem com seu trabalho bloqueia a possibilidade de subjetivação: quando se torna extrínseco, o trabalho é uma imposição de fora, uma atividade voltada para fins alheio, conduzidas unicamente por motivos eles também eternos e alheios: por exemplo, o salário para sobreviver (BENDASSOLLI, 2007).

Como exemplo desse mecanismo, é possível observar o personagem Lima, interpretado por Augusto Madeira, uma vez que em um primeiro momento mantém essa postura alienada (execução sem reflexão). Mas, diante das mudanças provocadas no

comportamento dos pacientes e transformações psicossociais criadas na nova dinâmica do hospital, notamos que o trabalho passa a lhe possibilitar novas construções subjetivas e sociais, por exemplo, quando ele abraça um paciente que dizia ser de extrema “periculosidade”.

Diante desse novo arranjo da dinâmica, é possível afirmar que, a partir das transformações causadas pelo método de Nise, alguns colaboradores (como o personagem Lima) deixaram a postura alienada diante do trabalho, que passou a lhes produzir sentido simbólico. De tal modo, podemos perceber que saem do mecanismo de engendramento e alienação, partindo para um processo de integração psíquica nas tarefas, apresentado por Castanho sobre a teoria de Pichon Rivière:

Nesse momento, Pichon-Rivière pressupõe uma ação humana onde figurem o sentir, o pensar e o agir. Seria só em determinada modalidade de integração destas dimensões que se poderia falar de tarefa. Uma das características desta modalidade de integração é a de que ela implica processos de elaboração psíquica concomitante (CASTANHO, 2007).

Também chamam a atenção as condições precárias de trabalho: a falta de recurso, acúmulo de funções e, até mesmo, o descaso para com os funcionários. Diante dessas condições de trabalho, como nos dizem Franco (2010) et al., identificamos a necessidade de cuidado às classes de trabalhadores, pois a precarização e a questão da promiscuidade no trabalho são fatores que certamente agravam e, portanto, podem facilitar o adoecimento do sujeito.

Ainda a partir desse fator, a alienação também pode ser pensada como meio de sobrevivência, atuando como uma forma de preservação da integridade subjetiva, e os sintomas emergentes dessas opressões causados pelo ambiente podem ser analisados como uma das formações de compromisso possíveis, facilitando o adoecimento do sujeito.

O trabalho é um dos principais papéis que os indivíduos atuam, sendo fonte de interação com a sociedade. A relação homem-trabalho conecta o indivíduo a todos os outros agrupamentos da sociedade, e quando essa relação é comprometida ou prejudicada, pode ter consequências para a saúde física, mental ou psíquica do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do recorte dado no filme “Nise: O coração da loucura”, foi possível produzir inúmeras reflexões a respeito dos paradoxos que permeiam a vida humana. Dado o enfoque às relações entre o homem e trabalho, em condições precárias de trabalho, enfrentando a falta de recursos, insegurança, instabilidade e a promiscuidade, reforçamos a importância do cuidado ao trabalhador. Ressaltando a iminência do surgimento de patologias e as implicações que os desarranjos têm sobre os aspectos da vida do sujeito. Diante desse cenário, identificando a alienação como um possível mecanismo de defesa adotado pelo indivíduo para dar conta da situação de trabalho.

Desse modo, o trabalho é um fator crucial para a identidade, pelo seu papel, conduta, crença envolvida e pela produção a partir dele extraída. É também a forma como o sujeito se apresenta e se define à sociedade. Com os pacientes do hospício Engenho de Dentro, pudemos ver o trabalho/ocupação para, além disso, e, sim, como vocação (aquilo que gosta de fazer e gosta de fazer bem) ou ainda, realização na busca de valor e princípio.

Por fim, destacamos a importância do filme para a formação profissional, a qual se destina esse trabalho, uma vez que elicia amplas reflexões sobre as questões da vida humana, bem como, postura ética e humanizada; e também com efeito motivacional e de tomada de consciência.

REFERÊNCIAS

BENDASSOLI, P. F. **Trabalho e Identidade em tempos sombrios**. Aparecida: Ideias & Letras, 2007.

CASTANHO, P. D. **O momento da tarefa no grupo: aspectos psicanalíticos e psicossociais**. *Revista da SPAGESP*– Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, v.15, 2007.

FRANCO, T. G et al. **As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado**. *Rev. Bras. Saúde Ocup.*, p. 229-248, 2010.